

MANOEL BOMFIM: MÉDICO, PROFESSOR E FUNDADOR DE DISCURSIVIDADES

Patrick Silva dos Santos¹

José Geraldo dos Santos²

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo apresentar algumas das teses do médico sergipano, Manoel José do Bomfim (1868-1932) contidas em seu livro, hoje um clássico *A América Latina: males de origem*, publicado pela editora H. Garnier em 1905. Livro este, cujo conteúdo já vinha sendo refletido desde 1897, porém a sua materialização se deu no período em que Manoel Bomfim doutorava-se em psicologia na França. Dito isto, pretendemos aqui apresentar a importância das teses bomfinianas; caracterizando-o a partir da sugestão conceitual de Michel Foucault, como um *fundador de discursividades*. Por compreendermos que a forma que Bomfim formulou seus instrumentos analíticos para a leitura da realidade brasileira e latino-americana, não apenas o afastou das formas vigentes de ler o social, mas, também, permitiu a criação de um sistema de temas e problemas das Ciências Humanas e Sociais brasileiras, posteriormente mobilizados e/ou incorporados como inovações analíticas de outros autores em diferentes contextos, como se deu, por exemplo: com os cânones pertencentes à chamada geração de 1930.

PALAVRAS-CHAVE: Manoel Bomfim; América Latina; Fundador de Discursividades; Geração de 30; Pensamento Social Brasileiro.

ABSTRACT: The purpose of this article is to present some of the theses of the Sergipe doctor, Manoel José do Bomfim (1868-1932) contained in his book, now a classic *A América Latina: males de origem*, published by H. Garnier in 1905. This book, whose content had already been reflected since 1897, however its materialization took place in the period when Manoel Bomfim

¹ Doutorando em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS), da Universidade Federal Fluminense (UFF). Sob a orientação do Professor Dr. Alessandro André Leme. E-mail: patrickds@id.uff.br

² Doutorando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História (PPGH), da Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO). Sob a orientação da Professora Dra. Érica Sarmiento e a coorientação do Professor Doutor Justo Cuño Bonito (UPO-ES). E-mail: geraldo.jgs@hotmail.com

was doctoring in psychology in France. That said, we intend here to present the importance of Bomfim's theses; characterizing him from the conceptual suggestion of Michel Foucault, as a *founder of discursivities*. Because we understand that the way Bomfim formulated his analytical tools for reading the Brazilian and Latin American reality, not only distanced him from the current ways of reading the social, but also allowed the creation of a system of themes and problems of the Human Sciences and Social Studies, later mobilized and/or incorporated as analytical innovations by other authors in different contexts, as happened, for example: with the canons belonging to the so-called 1930s generation.

KEY-WORDS: Manoel Bomfim; Latin America; Founder of Discursivities; Generation 30; Brazilian Social Thought.

INTRODUÇÃO

Manoel Bomfim nasceu em 8 de agosto de 1868, em Aracaju, na então Província de Sergipe. Seus pais, Maria Joaquina do Bomfim e Paulino José do Bomfim, foram respeitados comerciantes e donos de engenho em Sergipe. Paulino José foi vaqueiro no início de sua juventude. Bomfim foi um importante intelectual brasileiro e de atuação destacada na Primeira República Brasileira. Médico de formação, iniciou seus estudos em 1886 na Faculdade de Medicina da Bahia e dois anos mais tarde transferiu-se para a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, formando-se em 1890 com a *Tese das Nephrites* (PAULINO BOMFIM *In* BOMFIM). No ano de 1902, quando foi montada uma comissão pedagógica nomeada pela prefeitura, e fazendo parte dessa comissão, Bomfim foi para Paris, onde estudou psicologia na Sorbonne com Alfred Binet.

Manoel Bomfim notabilizou-se por sua atuação na área educacional da Primeira República, tendo ocupado diversos cargos de importância nesta área: em 1896, foi nomeado pelo prefeito Francisco Furquim Werneck de Almeida (1846-1908), o novo subdiretor do *Pedagogium*³, tendo sido efetivado como diretor geral dessa instituição em 1897; no mesmo

³ Fundado no ano de 1890, por meio do decreto 667, de 16/08/1890, lavrado por Benjamin Constant, o *Pedagogium* foi uma instituição educacional, que inicialmente funcionou na Rua Visconde do Rio Branco, 13, no centro da cidade do Rio de Janeiro – RJ. No ano de 1897, foi transferido para a Rua do Passeio, 66, também no centro da cidade, onde funcionou até seu fechamento, em 1919. Joaquim José de Menezes Vieira (1890 a 1897) e Manoel Bomfim, entre os anos de 1897 a 1906 e de 1910 até 1919 foram diretores desta Instituição.

ano, passou a lecionar na Escola Normal da República na cadeira de Moral e Cívica, e a seguir, lecionou pedagogia e psicologia. Em 1898, Bomfim tornou-se diretor interino da Escola Normal do Distrito Federal, e depois, foi nomeado Diretor de Instrução Pública do Distrito Federal, tendo também exercido este cargo na Administração de Pereira Passos de 1904-1906. Em 1904, participou da criação da Upel – Universidade Popular de Ensino Livre, juntamente com Elycio de Carvalho, Rocha Pombo, Fábio Luz, José Veríssimo, entre outros, sendo essa Instituição de ensino superior de tendências anarquistas e socialistas. Já, em 1906, Manoel Bomfim criou no *Pedagogium*, o primeiro laboratório de psicologia experimental do Brasil e, em 1907 ele foi eleito deputado federal, assumindo a vaga aberta na Câmara dos Deputados pelo Estado de Sergipe; no ano seguinte, buscou a reeleição e não obteve êxito.

Bomfim publicou, em 1905, *A América Latina: males de origem*⁴, pela editora francesa H. Garnier. Manoel Bomfim apresentou, no Brasil e para o Brasil, pressupostos que representavam uma nova forma de interpretar o Brasil (em relação aos seus contemporâneos)⁵, muito utilizadas posteriormente. E, é neste sentido, que demonstraremos no artigo, seguindo os pressupostos foucaultianos, que Bomfim transbordou as barreiras de um simples autor de seus textos. Isto subsidiou a formação de outros textos posteriores, pois é a possibilidade e a regra de orientar a formação de outros textos que colocou Manoel Bomfim como um *fundador de discursividades* como orientava Michel Foucault. No entanto, a percepção foucaultiana de *fundador de discursividades* já era atribuída a Bomfim em outros termos por alguns intelectuais brasileiros desde seus contemporâneos até a tradição mais atual.

FUNDAÇÃO DISCURSIVA EM A AMÉRICA LATINA: MALES DE ORIGEM (1905)

Em 1905, por meio do seu conceito de *Parasitismo Social*, metáfora biológica cujo sentido busca elucidar a dominação sociopolítica em sua dualidade endógena e exógena, Bomfim explicou estruturalmente a dupla dominação: por um lado, no plano interno – das elites econômicas e intelectuais para com grande fração da população nacional e, por outro lado, no

⁴ O livro teve como gatilho a visão estereotipada dos europeus em relação às populações latino-americanas – e, também, pela aceitação desses “estigmas” por parte da intelectualidade brasileira e sul-americana formulados por meio da aceitação parcial e/ou adaptação das teorias deterministas raciais e geográficas.

⁵ Segundo o sociólogo, Antonio Candido e o antropólogo, Darcy Ribeiro: Manoel Bomfim em *A América Latina: males de origem* abordou de forma inovadora e com grande profundidade temas centrais, antes trabalhados de forma insatisfatória, possibilitando compreender a formação social brasileira, os problemas nacionais, as desigualdades raciais justificadas por toda a sorte de perspectivas “científicas” deterministas. Ou seja, de maneira singular foi formulada a narrativa de Bomfim em seu ensaio histórico-sociológico de 1905.

plano externo – das nações centrais para com as nações periféricas. Assim, Bomfim entendeu as concepções científicas, tomadas por parte considerável dos seus contemporâneos, como uma falsa ciência, pois, para além de servirem como instrumentos de dominação entre os segmentos populacionais, não se atestava a veracidade de determinados pressupostos racialistas e deterministas geográficos, a partir de metodologias sérias e/ou passíveis de verificação de resultados concretos, como explicou o próprio Bomfim, no prefácio de *A América Latina*⁶.

Em 1905/1906, Sylvio Romero iniciou o ataque às teses de Manoel Bomfim, saindo em defesa dos “homens de ciencia” do continente europeu. Publicando 25 artigos na revista *Os Anais* com o título: *Uma suposta teoria nova da história latino-americana* – aqui, Romero tendo por objetivo central a desqualificação de Bomfim e de seu livro *A América Latina: males de origem*. Esses artigos foram reunidos em livro, pela editora portuguesa, Chardron, do Porto, intitulado: *A América Latina: análise do livro de igual título do Dr. M. Bomfim*. No entanto, em seu ataque Sylvio Romero o fazia motivado pela sua defesa militante aos teóricos europeus que justificavam o atraso brasileiro e latino-americano por meio das mais variadas teorias deterministas raciais e geográficas.⁷

Manoel Bomfim formulou de forma coerente e substancial o pressuposto analítico de

⁶ **Fragmento do prefácio da 1ª edição:** “Este livro deriva directamente do amor de um brasileiro pelo Brasil, da solicitude de um americano pela America. Começou no momento indeterminado em que nasceram esses sentimentos; exprime um pouco o desejo de vêr esta patria feliz, prospera, adiantada e livre. Fôram estes sentimentos que me arrastaram o espirito para reflectir sobre essas cousas, e o fizeram trabalhar essas ideias – o desejo vivo de conhecer os motivos dos males de que nos queixamos todos. (...) Estas mesmas, agora desenvolvidas, já as apresentei, em parte, resumidamente num *parecer*, prefacio á excellente *Historia da America*, livro didactico do Sr. Rocha Pombo, parecer que deriva justamente dessa preocupação, já antiga. Em 1897, quando o Director Geral de Instrucção Publica fez annunciar o concurso de um *compendio de Historia da America*, sollicitei a honra de, na qualidade de membro do Conselho Superior de Instrucção Publica, dar o parecer sobre as obras que se apresentassem: tal era o interesse que este assumpto apresentava para mim; e só assim se explica essa pretensão de tratar de materia fóra da minha especialidade, e á qual não podia apresentar nenhum titulo de competencia official. (...) As notas se amontôam, o livro se forma a pouco e pouco – observações e reflexões, colhidas em cada uma das crises, desalentos, duvidas e entusiasmos da vida que, entre difficuldades, vamos vivendo. Chegando aqui, á Europa, não só a natural saudade daquelles céos americanos, como a apreciação directa dessa reputação perversamente malevola de que é victima a America do Sul, provocaram a reacção affectiva que se traduz na publicação destas paginas. Fóra dahi, ellas não viriam, talvez, á luz.” (BOMFIM, 1905, p.IX,X,XI. Grifos do autor)

⁷ Ao analisar a polémica entre Sylvio Romero e Manoel Bomfim tomando por meio analítico a circulação dos livros homônimos, o sociólogo Antonio Candido (2004) afirmou que mesmo com toda a erudição de Sylvio Romero e o cuidado com que produziu o livro resposta ao ensaio histórico-sociológico de Manoel Bomfim. Ainda assim, o livro de Romero caiu no esquecimento – já, por outro lado, não se poderia dizer o mesmo sobre *A América Latina: males de origem* de Bomfim, que ao longo dos anos tiveram outras edições, e, por conseguinte, vem sendo lido e estudado por diversas gerações de pesquisadores e intelectuais brasileiros, tanto dentro, quanto fora do Brasil.

se tomar o passado colonial como elemento explicativo fundamental da realidade social vivenciada nas sociedades sul-americanas. Ou seja, só por meio da análise desse desenvolvimento histórico seria possível apreender a continuidade da colonização refletida no domínio oligárquico. Neste sentido, em *A América Latina: males de origem*, os processos históricos têm função central na compreensão dos males originais, que se desenvolveram desde a dinâmica social entre os distintos segmentos populacionais, até mesmo na distorcida democracia liberal burguesa cujas instituições sociais e burocracias estatais conservavam os vícios e distinções da ordem estamental de outrora. Assim, por exemplo, sustentava Bomfim que o conservadorismo das classes dirigentes teria sua gênese no *conservadorismo essencial*⁸ do colonizador, mentor ideológico dos segmentos dominantes republicanos.

O desmonte de cunho mais geral das teses deterministas climáticas e raciais foram pontos importantes executados por Bomfim em seu ensaio. Ao invés de detalhar uma a uma e, daí por diante, elencar seus problemas, o autor não se preocupou com o funcionamento interno de cada uma dessas teorias. Assim, por meio do uso da terminologia: *Teoria do valor das Raças*⁹. Portanto, não era como se repetia essa sentença que preocupou Bomfim, mas sim o que tais explicações buscavam legitimar. Desta maneira, o que ele nos informa é que as teorias deterministas das mais variadas roupagens explicativas legitimavam as dinâmicas sociais assimétricas, a exploração das riquezas dessas nações tomadas por inferiores e as relações de dominação num plano externo e também interno, sendo assim, um potente instrumento de exclusão social e de negação das possibilidades de progresso para agentes sociais e países inseridos fora das fronteiras europeias e estadunidenses¹⁰.

Em síntese, Bomfim buscou demonstrar que os nossos males eram frutos diretos de uma complexa gama de fatores que iam desde a herança civilizatória colonial até a linguagem

⁸ O *Conservadorismo Essencial* é uma questão central em *A América Latina: males de origem*, pois é um elemento do caráter latino-americano, adquirido por meio da herança e educação transmitidas a nós por meio da relação mantida por séculos com os povos colonizadores do continente.

⁹ Terminologia correspondente conceitualmente a uma espécie de generalização proposta por Manoel Bomfim para lidar com todas as teorias que tomavam como pressuposto explicativo a *Raça* como elemento determinante, hereditário e imutável para explicações espoliativas entre os indivíduos e num plano político-institucional entre nações.

¹⁰ Ao invés de seguir o fluxo de seus contemporâneos que atestaram a inferioridade do povo como o real entrave para o desenvolvimento, sustentou Roberto Ventura e Flora Sussekind (1984) que Bomfim por meio de sua *teoria biológica da mais-valia* demonstrou como as dinâmicas sociais coloniais se tornaram de fato os nossos males nas mais variadas dimensões, sendo somente substituído o *parasita* do passado (o colonizador), por seus herdeiros das classes dominantes (o *parasita* de agora). Na metáfora bomfiniana, em última análise, o parasita se alterou mais os *parasitados* continuam sendo os mesmos.

corrente intragrupos étnico-raciais, no qual a escravidão negra se converteu. Isto é, a escravidão não só moldou relações hierárquicas de mandonismo e obediência, mas também, foi responsável pela degradação do regime de trabalho –, assim, por exemplo, no caso brasileiro, os mais de três séculos de escravidão moldou uma sociabilidade cujo enraizamento das hierarquias raciais continuou sendo um marcador de inclusão e exclusão, de ganhos e abandono não superados com a entrada numa ordem liberal competitiva.

“A AMÉRICA LATINA: MALES DE ORIGEM” – EM OUTROS AUTORES

Dentro da área das Ciências Humanas e Sociais Brasileiras convencionou-se tratar as interpretações sobre o Brasil da chamada geração de 30 como uma espécie de fundação interpretativa destoante de toda uma tradição intelectual anterior. Tendo como figuras centrais desta arquitetura inovadora nomes como Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Jr. No entanto, nos parece equivocada esta construção por sua generalização. Isto é, se tal pressuposto fosse em relação à fração majoritária dos intelectuais anteriores, faria sentido, mas ao se colocar como universalista desconsidera o outro lado, ou seja, o lado oposto desta tradição intelectual anterior. Neste sentido, nos parece falsa esta suposta dicotomia entre o que se produzia antes e depois da geração de 30. Como afirmou Darcy Ribeiro (1993), as teses de Manoel Bomfim seriam amplamente divulgadas e lidas fora de seu contexto original com maior vulto nos autores da geração de 1930. Partiremos, assim, desta indicação para demonstrar como há mais similitudes do que antagonismos entre Bomfim e seus sucessores da geração de 30¹¹.

Em *Casa-Grande & Senzala*, livro de Gilberto Freyre publicado em 1933, sua análise pauta-se na família como uma categoria nuclear de explicação. Por um lado, o patriarca é o personagem central; já por outro lado, a mulher e o escravo são os personagens secundários, orbitando em torno do patriarca, e, por conseguinte, o universo em que a trama se desenrola em sua análise é o meio açucareiro agrário-industrial. Contudo, nos informa a Socióloga Élide Rugai Bastos que não há somente passividade nesta relação entre o ator central e os atores marginais, ou seja, ora invertem-se os papéis de dominante e dominado – é nesta articulação que se recriam as relações sociais na interpretação freyriana, em que a dominação não se realiza

¹¹ O sociólogo francês, Pierre Bourdieu em *O ofício de sociólogo: metodologia da pesquisa na Sociologia* sustenta que é necessário romper com as abordagens consagradas para a ampliação do universo investigativo em relação a determinada questão. Partindo deste indicativo, propomos uma ruptura e sugerimos a reconfiguração dos cânones do *Pensamento Social Brasileiro*.

plenamente no encontro das duas realidades descritas, a saber, entre a Casa-Grande (dominante) e Senzala (dominada).

Freyre apontou que no caso brasileiro tivemos uma especificidade importante que foi o tipo de escravidão menos bruta e segregacionista que as formas de escravidão das colônias espanholas e inglesas. Isso se deu pelo fato do que o autor chamou de processo de miscibilidade (FREYRE, 1981) para compensar o déficit populacional português. Desta forma, desde os primeiros anos da colonização, o português teria se misturado com as mulheres nativas e mais tarde com as mulheres africanas. Além desta estratégia de colonização e povoamento, é interessante o indicativo que Gilberto Freyre apresenta em torno da sexualidade. Segundo Freyre, não foram as mulheres indígenas e nem as negras aqui escravizadas que seriam responsáveis pela promiscuidade sexual e, tão pouco, o furor sexual do português. Isto é, a promiscuidade seria fruto da dupla articulação entre sistema escravocrata e o patriarcado. Nesta linha, o que Freyre está propondo em última análise é desvelar que o meio social cria tal perversão, não sendo assim, a negra a culpada e sim a escrava. Não por acaso sustentava Freyre que as negras e mulatas que

(...) nos iniciou no amor físico e nos transmitiu, ao ranger da cama-de-vento, a primeira sensação completa de homem. (...) É verdade que as condições sociais do desenvolvimento do menino nos antigos engenhos de açúcar do Brasil, como nas plantações *ante-bellum* da Virgínia e das Carolinas – do menino sempre rodeado de negra ou mulata fácil – talvez expliquem, por si sós, aquela predileção. Conhecem-se casos no Brasil não só de predileção mas exclusivismo: homens brancos que só gozam com negra (FREYRE, 1981, p. 283-284).

Portanto em Freyre observamos uma perspectiva no mínimo romantizada em relação à questão da promiscuidade, ainda que o autor elabore toda uma construção que coloque os males na instituição escravocrata. Pois aqui cabem as seguintes indagações: eram as negras e mulatas que eram realmente fáceis ou existia toda uma configuração social que colocavam essas mulheres numa condição de “coisas”, “objetos” dos seus senhores e filhos como pressupunha a condição de escravizada? Existiam meios de se negarem a deitarem-se com os senhores ou seus filhos? Quais poderiam ser as sanções concretas e/ou simbólicas a tais negativas?

Nesta questão, Freyre mostra uma certa relação consensual que mais romantiza a relação entre os donos dos escravizados e suas propriedades legais no período. Assim, nos parece que na tentativa de relativizar culturalmente para distanciar-se das visões correntes de grande parte de uma tradição intelectual anterior, Freyre não consegue se desvencilhar totalmente da defesa do senhor da casa-grande e, assim, acusa por uma suposta perversão sexual um agente inserido na lógica institucional da escravidão: a escrava – isso sem refletir seriamente quais eram as

possibilidades de se protegerem dessa violência impetrada pelos seus senhores e filhos. O que se opera aqui é uma defesa torpe de uma lógica patriarcal, e, por conseguinte, a culpabilização da vítima coisificada. Isto é, o fetichismo de uma relação social amena, ainda que assimétrica por excelência.

Já em *Raízes do Brasil*, livro publicado em 1936, de autoria de Sérgio Buarque de Holanda, o autor inicia seu trabalho caracterizando o homem ibérico, o português e o espanhol, ambos já miscigenados, antes mesmo da colonização do continente americano, cujas características centrais seriam: a falta de aptidão no que concerne à organização, o desprezo pelo trabalho manual, entre outras. Para Buarque de Holanda, a cultura ibérica marcaria esses novos territórios por meio de estruturas sociais desajustadas, relações personalistas e também uma ausência de hierarquias organizadas. Portanto, tais características tornavam-se entraves para o desenvolvimento uma vez que as relações personalistas levavam à busca desenfreada por prestígio e satisfação pessoal¹². Como Gilberto Freyre, Buarque de Holanda também descreveu a capacidade de assimilação do português ao meio americano, e, aqui mais precisamente, isso se explicaria pelo espírito aventureiro do português bem diferente do holandês que aqui não se adaptou.

A *família rural* também é, assim como em Freyre, uma categoria importante para Buarque de Holanda, e é por meio desse modelo familiar patriarcal tradicionalista que este autor inclusive irá entender o fazer política no Brasil. Entretanto, para compreender a significação que o autor dá à família rural, é necessário primeiro compreender a dicotomia estabelecida em *Raízes do Brasil* entre o *Rural* e o *Urbano*¹³. Dito isto, podemos dizer que a família rural descrita por Buarque de Holanda estava fundada na obediência ao patriarca. Tal modelo de organização familiar inundaria a vida política e o fazer política no Brasil, e, por fim, moldaria o *homem cordial* constructo psicológico que corresponderia à repulsa dos brasileiros às relações impessoais, pois é movido por relações de simpatia e afeto. Neste sentido, sustentava Buarque

¹² O caráter personalista das relações sociais aqui estabelecidas impõe obstáculos para a construção de uma sociedade verdadeiramente democrática. Contudo, a chave explicativa deste continuísmo relacional que se demonstra preservado no seio da sociedade brasileira e em suas instituições ligam-se diretamente ao sentido que a colonização portuguesa teve em nosso território e a herança nos legada pelos portugueses.

¹³ Segundo Buarque de Holanda, havia um predomínio da fazenda em relação à cidade – em que a primeira estava intimamente ligada à nobreza e a suas atividades diárias, ao passo que a cidade era vista nesta configuração como uma extensão da fazenda, pois, era “usufruída” nos momentos especiais pelos ricos latifundiários de outrora. Destarte, o meio rural associava-se concomitantemente à matriz econômica nacional (a agricultura) e simultaneamente ao trabalho compulsório.

de Holanda em sua construção teórica, sob influência weberiana, que o *homem cordial*¹⁴ é um tipo ideal que necessariamente não tem como traço a bondade, conceitualmente, não é disso que se trata, mas sim, da busca por relações pessoais e afetivas nas mais variadas esferas sociais.

Por fim, em 1942 foi publicado o livro, *Formação do Brasil contemporâneo*, escrito pelo intelectual paulistano, Caio Prado Júnior. Seu objetivo neste trabalho foi compreender a formação social brasileira tomando como chave a transição entre o período colonial e a Nação. A abordagem que Prado Jr. empregou tentava pôr em xeque as abordagens correntes que, segundo ele, eram idealizadas e pouco detinham-se em torno do país real. Para tal empreitada, Prado Jr, parte do método marxista de análise para tentar dar conta dos seus objetivos neste trabalho.

Sua questão central em *Formação do Brasil Contemporâneo* era: demonstrar como a presença do passado colonial é preponderante para a compreensão de variadas dimensões do Brasil-nação. Por conta disso, segundo o autor, fazia-se necessária a investigação dos três séculos de organização colonial em que se fundaram os elementos centrais da nacionalidade brasileira, para, a partir daí tornar legível os processos e dinâmicas do Brasil contemporâneo. Contudo, uma das primeiras contribuições analíticas do autor foi definir a organização colonial como uma espécie de grande empresa comercial, isto porque, sua funcionalidade na “macroeconomia” mundial do período era o fornecimento de produtos primários para o mercado externo, cujos produtos principais eram os produtos agrícolas e outros produtos advindos da atividade mineradora, ambas atividades não se realizavam em bases que queriam-se fazer racionais cuja finalidade fosse a consolidação de uma sólida base econômica, muito pelo contrário, como descrito anteriormente, sua função era alimentar um setor específico da economia metropolitana¹⁵.

Na abordagem de Prado Jr. a economia colonial era marcada pela seguinte dualidade: se por um lado, havia uma concentração de atividades voltadas à grande exploração; por outro lado, se particularizava pelo baixo nível tecnológico que se materializava numa total falta de

¹⁴ Este caráter na esfera política cria o problema da penetração *patrimonialista*, ou seja, a falta de distinção entre os domínios da esfera pública e da esfera privada – nesta perspectiva, ambas as esferas são fortemente marcadas por relações pessoais, de simpatia e afetividade.

¹⁵ Assim como Freyre e Buarque de Holanda, Prado Júnior também argumentou sobre a importância da miscigenação como uma estratégia encontrada pelos portugueses para pôr em ação o projeto colonizador, pois, um país com uma pequena população dificilmente conseguiria controlar um vasto território. Do ponto de vista do desenvolvimento histórico, ambos autores argumentavam que os portugueses não tiveram dificuldades em “unir seu sangue” com raças distintas por conta dos séculos de convivência com os mouros na península ibérica.

dinamismo, cujos objetivos estavam subordinados a condicionantes internacionais. Contudo, como em muitas de suas alegações racistas ao longo do livro, Prado Jr. sustentava que o modelo irracional e pouco dinâmico do trabalho que se desenvolvia no período tinha vinculações diretas ao trabalho do escravizado africano descrito pelo autor como “semibárbaro”¹⁶ e, também, pelo regime de organização administrativo e político imposto por Portugal.

Neste trabalho de Prado Jr., publicado em 1942, a instituição escravidão possui certa centralidade para a interpretação da realidade brasileira (ainda que enviesada¹⁷), pois as persistências de elementos arcaicos (resquícios de relações sociais e econômicas dentro dos parâmetros coloniais e escravocratas) numa dinâmica moderna (pós-abolição, republicana e em processo acelerado de industrialização) possuem íntimas ligações com os contornos econômicos, políticos, sociais e até mesmo relacionais estabelecidos dentro de sua lógica operacional, por exemplo, Prado Jr. sustenta que o regime de trabalho escravo foi responsável pela sedimentação de uma moral pouco valorativa em relação ao trabalho, ou seja, o advento dos mais de três séculos de um regime de organização social e de trabalho nesses moldes forjou uma ética, cuja percepção em torno das atividades laborais se realizava como algo degradante para quem o executava¹⁸. Sendo as correspondências ao passado inevitáveis.

Demonstramos de maneira sintética as principais contribuições dos expoentes da chamada geração de 30, ordenadamente, a partir de: *Casa-Grande & Senzala (1933)*, de Gilberto Freyre; *Raízes do Brasil (1936)*, de Sérgio Buarque de Holanda e *Formação do Brasil contemporâneo (1942)*, de Caio Prado Júnior. A importância destes autores é inquestionável para a tradição intelectual brasileira. Mas até que ponto há de fato um ponto de fundação e/ou ruptura com os intelectuais anteriores em suas abordagens? Neste sentido, o que buscamos aqui

¹⁶ Cf. “Se em Freyre a explicação sociológica retirava do negro o fardo da “raça”, no trabalho de Prado ela lhe atribuía outro peso: o de uma profunda deformação de caráter e cultura sob o escravismo, com implicações para sua história subsequente. O quadro era atenuado apenas pelo fato de que o “desregramento” moral, segundo Prado, atingia por razões estruturais a massa da população livre, marginalizada pelo sistema escravista, e até contaminava os próprios senhores. Ironicamente (...) “a promiscuidade com escravos, e escravos do mais baixo teor moral”, entre outras características da vida senhorial, tornara a casa-grande “uma escola de vício e desregramento” para a criança branca.” (SLENES, 2011, p. 37-38)

¹⁷ Em relação aos povos indígenas e os negros aqui escravizados, Caio Prado Jr. sustentava que se tratavam de “povos de nível cultural ínfimo (...) simples máquina de trabalho bruto e inconsciente (...) povos bárbaros e semibárbaros (...) pretos boçais e índios apáticos” (PRADO JR, 1972, p. 272, 277).

¹⁸ Cf. A culpabilização dos indivíduos escravizados tanto nas dimensões laborais, quanto na dimensão da degradação moral – na lógica operada por Prado Jr. são problemas advindos dos escravizados e não de seus senhores. Se em Freyre há em operação uma lógica processual romântica em relação ao escravizado e ao senhor, em Prado Jr. temos uma cegueira em relação à atuação senhorial e culpabilização do escravizado pelos males nacionais.

não é questionar estes autores, mas sim apresentar as mesmas teses de maneira até mais modernas. Isto é, sem estarem inundadas de racismos e romantismos em relação à bondade senhorial. Em relação à geração de 30, as formulações de Manoel Bomfim começaram a ser refletidas mais de quatro décadas antes, mais precisamente em 1897. No entanto, como já foi dito anteriormente, *A América Latina: males de origem* foi publicado em 1905 (ainda assim, quase três décadas antes) dos trabalhos de Freyre, Buarque de Holanda e Prado Jr. entrarem em circulação.

MANOEL BOMFIM, O FUNDADOR DE DISCURSIVIDADES

Em *A América Latina: males de origem* (1905), o continuísmo com os signos do passado colonial é um elemento central em toda sua análise. Isto constitui o aspecto balizador de toda a narrativa de Manoel Bomfim. Logo podemos notar que, o que mais tarde seria a centralidade analítica da geração de 1930, já o era, em 1905, para Bomfim.

Os processos de educação colonizadora são importantes pontos de investigação para a compreensão dos entraves para o progresso social. Para Bomfim: em primeiro lugar, a vontade dos grupos aristocráticos em conservar as sociedades inertes, no mesmo estado de coisas, marcado por um sistemático conservadorismo que garantiria a manutenção de certos privilégios – e em segundo lugar, teria se consolidado, por meio desse *modus operandi*, uma naturalização do viver a partir da exploração de terceiros, criando assim uma ética e moral afastadas das atividades laborais. Portanto sustentava Manoel Bomfim que as nações ibéricas, já viciadas no viver parasitariamente educaram as novas sociedades por meio da reprodução social sistemática deste modelo (ELIAS, 1994), por isso, a

(...) sociedade colonial compreendia, então, duas classes, perfeitamente distintas – os escravos índios e pretos, e as varias sortes de instrumentos que a metropole atirava para lá, afim de apropriar-se do trabalho desses escravos. Só depois é que, entre uma e outra dessas duas classes, se foi formando uma terceira, que se apresentará então como o novo elemento americano. Os unicos que poderiam reclamar, si soubessem, se tivessem o direito de fallar, esses coitados! A colonia é parasitada; mas, mesmo dentro da colonia, o parasitismo se exerce. – Em summa, a victima das victimas é o escravo, e este é o unico que não tem voz, nem para queixar-se (BOMFIM, 1905, p. 113).

Porquanto Bomfim destaca no caso brasileiro a expertise do colonizador português em estabelecer laços de sangue como estratégia para povoar e colonizar um território tão grande como o brasileiro. Pois sem tal estratégia, uma nação com uma população ínfima não conseguiria estabelecer seus domínios em um vasto território, como o do Brasil. Como o autor

indicou, se tratavam de povos já acostumados com séculos de misturas raciais dentro do próprio continente europeu.

Antes mesmo da observação em relação à moral aqui construída, descrita por Buarque de Holanda e até mesmo as relações econômicas coloniais intimamente ligadas à degradação do trabalho livre descritas por Prado Jr. , mais de três décadas antes, Bomfim descreveu que a adaptação do parasitado às condições que lhe foram impostas refletiu seriamente sobre o desenvolvimento progresso das relações econômicas. Segundo Manoel Bomfim, a forma em que se desenvolveu o trabalho aqui possui íntimas ligações ao regime de trabalho compulsório e às demais relações envolvidas neste processo, pois a escravidão “foi a abjecção moral, a degradação do trabalho, o embrutecimento e o aniquilamento do trabalhador; e foi também a viciação da produção, gerando males de efeitos extensíssimos” (BOMFIM, 1905, p. 132). Logo, o processo de produção colonialista gerou consequências traumáticas para o desenvolvimento saudável dos países latino-americanos. Isso porque nas

(...) nações da América latina, depois de tres seculos de produção, depois de ter visto sahir de seu sólo riquezas fantasticas – todo o assucar, café, ouro e diamantes do Brasil, todo o ouro e toda a prata da América hespanhola – depois de ter produzido tanta riqueza, se acha tão pobre no dia da independencia como si dezenas de gerações de milhões de indios e negros não houvessem morrido de trabalhar, sobre um sólo fertilíssimo, semeado de minas preciosissimas. (...) Bastava que se houvesse fixado na América do Sul um decimo da riqueza arrancada ao trabalho do escravo, para que ella não precisasse andar hoje, pelo estrangeiro, a mendigar empréstimos que mais a empobrecem. Nada se empregou aqui, em cousa que signifique effectivamente riqueza: reservas economicas – nenhuma; instrumentos de produção – escravos e açoites; regimen de trabalho – a ignorancia systematica, irreductivel... no dia da independencia, as novas nacionalidades se acharam sem industria, sem commercio nacional, sem capitães, sem riqueza, sem gente educada no trabalho livre, sem conhecimento do mundo (BOMFIM, 1905, 140 *et seq.*).

Já em relação ao que Buarque de Holanda e Raymundo Faoro analisaram pelo conceito de *Patrimonialismo* sobre a influência weberiana, Bomfim analisou por meio de seu conceito de *Conservadorismo essencial*, para descrever os interesses pessoais como determinantes no funcionamento uterino das instituições brasileiras, mas esse tipo de conservadorismo seria um elemento educacional aprendido nas relações que foram estabelecidas aqui com o colonizador europeu. Neste sentido, afirmava Bomfim:

As instituições sociaes eram reproducções grosseira e viciada das instituições da península: os feudos, representados nas fazendas e domínios mineiros; a servidão, na escravaria ignara, alvitada pelo tronco e o calabrote. A religião é o fetichismo, a superstição bronca; a familia é um pedaço de tribu, semi-feudal, semi-patriarchal, degradada pela ociosidade sobre o trabalho do negro, pervertida pelo espectáculo permanente dos barbaros tratamentos e castigos, infligidos ao escravo (BOMFIM, 1905, p. 152).

Desta maneira, temos uma descrição processual singular, ainda que operada por conceitos distintos – e, além disso, temos também um retrato factual da perversidade cometida junto ao negro aqui escravizado, bem distante das relações romantizadas descritas por Gilberto Freyre no que diz respeito à relação senhor e escravizado. Porquanto o autor de *A América Latina.*, sustentava que a falta de observação leva as classes dominantes latino-americanas a desconsiderarem as condições materiais e históricas de formação destas jovens repúblicas, o que, no limite, se materializava em pressupostos incompatíveis com as reais necessidades destas nações. Isto porque, não houve um rompimento efetivo com as iniquidades do passado, ao invés disso, há a atualização dos mesmos processos em outros moldes. Dizia o médico em relação à reforma que se acreditava fazer com o fim do regime escravocrata:

Decreto-se a libertação, e fôram-se todos, considerando a reforma como acabada; e si alguém ainda se occupou do caso – foi para pedir ou propor que se importassem *braços baratos*, que podessem substituir os antigos escravos, nada se alterando nos costumes e nos processos: chinezes ou italianos, que viessem occupar as antigas senzalas – um salario baixo, equivalente á alimentação e ao juro do preço do negro... tudo mais como dantes. Quanto a essa população das classes inferiores, antigos escravos, nacionais proletarios – quanto a estes: que sejam obrigados por lei a trabalhar; pedem-se *leis sobre a vagabundagem*, lei de *locação de serviços*, na convicção de que, no momento em que alguns decretos, substanciosos de artigos e paragraphos, vierem publicados, todos esses homens tornarão logo activos, adorando o trabalho, e dispostos a dar o seu labor ao fazendeiro ocioso e bruto, por um salario miseravel. (...) o fazendeiro, que viveu sempre parasita, já não quer somente braços baratos; reclama tambem quotas directas, em especie – *auxílios á lavoura*, compensação aos lucros cessantes... Hontem parasita do escravo, hoje parasita do Estado (...) (BOMFIM, 1905, p. 180 *et seq.*).

Prosseguindo para o fim da exposição de algumas narrativas de Bomfim, a citação acima revela muito da disparidade argumentativa deste médico e pensador em relação aos seus contemporâneos e mostra o quão similar eram seus pressupostos em relação aos intelectuais da geração de 30. Não obstante, ao referir-se a Bomfim, Antonio Candido dizia que foi um dos intelectuais “mais originais e clarividentes que o Brasil teve em relação a problemas que no seu tempo eram propostos e estudados de maneira insatisfatória” (CANDIDO, 1990, p. 10), como por exemplo, a “nossa formação histórica, teor do nosso povo, a questão racial, a tendência conservadora das elites, o imperialismo norte-americano, etc.” (CANDIDO, 1990, p. 10).

Em *A América Latina: males de origem*, Bomfim demonstrou como os males brasileiros vinculavam-se a uma continuidade do sistema colonial agora representada pela dominação oligárquica de uma fração poderosa das classes dominantes brasileiras. Neste sentido, a vida pregressa de toda uma nacionalidade brasileira seria marcada pelos desajustes e continuísmos de relações espoliativas. No momento em que havia a naturalização das respostas racialistas

para o fracasso nacional, Bomfim demonstrou como essas teorias, que universalmente, ele descreveu como: *Teorias científicas do valor das Raças*, que, no limite, serviam apenas para justificar a dominação das nações pauperizadas por parte das nações militar e economicamente mais poderosas. Teorias que Bomfim dizia serem formuladas por “sociólogos do egoísmo”, da “pilhagem”, da “rapinagem” (BOMFIM, 1905). Dentre os autores brasileiros da época, Bomfim foi o primeiro a apresentar como uma saída para fugir da ingerência europeia e norte-americana, uma integração das nacionalidades latino-americanas. Prado Jr., por exemplo, enxergava animosidade e selvageria nos costumes de negros e indígenas, ao passo que Bomfim, em 1905 (37 anos antes da publicação do livro de Prado Jr.), mostrava com uma dose de ironia o quão selvagem foram as práticas horrendas dos colonizadores seja nas Américas, na África e em outros pontos do globo; que riquezas foram pilhadas e povos massacrados. Por isso, concordamos com a assertiva de Darcy Ribeiro ao afirmar que

(...) muitas gerações depois as interpretações magistrais de Manoel Bomfim entraram em curso, lidas todas em outros autores. Muito antes de Gilberto Freyre aprender isto em Nova Iorque – como a sabedoria mais sábia da Universidade de Colúmbia – Manoel Bomfim dizia com toda clareza que as taras do crioulo não vinham da raça, mas da escravidão (...) Caio Prado ainda estava nascendo quando Manoel Bomfim nos falava com exatidão do caráter classista, intrinsecamente tirânico e espoliativo, do Estado brasileiro, por isso mesmo, justamente odiado ontem e hoje pelo povo. Também antes do que qualquer outro, Manoel Bomfim nos deu o diagnóstico do racismo como a técnica ideológica européia de dominação e escravização. O próprio Gilberto, quando retoma essas teses, trinta anos depois, o faz torpemente, encantado que estava com a bondade do senhor de engenho. Até o reconhecimento dos méritos do português como povo com grande capacidade de assimilação e de adaptação é assinalado por Manoel Bomfim, que o faz sem cair nos tropicalismos coloniais de Gilberto. (...) Multiplicaram-se, depois de Gilberto, os autores que se acercavam da visão de Manoel Bomfim, tais como Arthur Ramos, Josué de Castro, Sérgio Buarque, Caio Prado (RIBEIRO, 1993, p. 15).

O que Darcy Ribeiro nos informa por meio de sua argumentação é o pioneirismo analítico de Manoel Bomfim frente não só aos seus contemporâneos¹⁹, mas também à

¹⁹ Cf. Para a psicóloga, Mitsuko Aparecida Makino Antunes (1998) “Bomfim, num esforço de análise sobre a sociedade brasileira, adotou uma perspectiva em que procurava demonstrar que os problemas enfrentados pelo país deveriam ser buscados em suas raízes históricas, particularmente na sua formação colonial, baseada na exploração imposta rudemente pela metrópole. Em sua análise, considera que uma das mais nefastas consequências da exploração sobre a colônia incidiu sobre a cultura e aponta nessa direção a superação dos problemas nacionais; para o autor, um dos principais determinantes do atraso do país era a ignorância historicamente imposta pelas classes dominantes ao povo brasileiro, estando na difusão da educação a solução para os problemas, não apenas como remédio para o atraso econômico mas, principalmente, como meio de conquista da liberdade pelo povo brasileiro, caminhando de fato para a democratização da sociedade. (...) Paralelamente, deve-se acrescentar que, para alguns intelectuais, o atraso do país devia-se à diversidade de raças, sobretudo à presença da raça negra, considerada inferior, porque, segundo eles ela trazia em si os germes da apatia, da indolência e da preguiça, além de sua propensão à degeneração psíquica e, assim sendo, constituía-se como entrave ao progresso. Diametralmente oposta era a concepção de Bomfim, para quem essas idéias eram equivocadas e, ao contrário de contribuírem para a solução dos problemas do país, tendiam a perpetuá-los.” (ANTUNES, 1998, p. 69-70)

possibilidade posterior de leitura dos pressupostos bomfinianos em importantes intelectuais brasileiros, sobretudo, nos intelectuais da chamada geração de 30. Na tradição acadêmica brasileira, são poucos os pesquisadores e pesquisadoras que trataram da história intelectual brasileira por este viés. Todavia, a exposição apresentada até aqui nos orienta a tratarmos Manoel Bomfim, o autor de *A América Latina: males de origem*, como um *fundador de discursividades*.

Segundo Michel Foucault (2001), os fundadores de discursividades são autores que possuem de particular o fato de que eles não são somente os autores de seus livros ou arquiteto de suas obras. Isto é, são autores que produziram um algo mais, correspondendo isso à “possibilidade e a regra de formação de outros textos” (FOUCAULT, 2001, p. 284). Deste modo, sustenta o filósofo-historiador que esses autores tornaram possível algo absolutamente distinto, por exemplo, do que um autor de romance está possibilitado a fazer. Isso porque os fundadores de discursividades²⁰ não tornam possível apenas uma certa quantidade de analogias, mas sim, tornam possível um certo número de diferenças, sendo que a obra desses autores não se “situa em relação à ciência e no espaço que ela circunscreve; mas é a ciência ou a discursividade que se relaciona à sua obra como as coordenadas primeiras” (FOUCAULT, 2001, p. 287).

O jornalista e acadêmico (*Academia Brasileira de Letras*), o intelectual maranhense, Humberto de Campos (1886 – 1934) em seu texto intitulado “Manuel Bomfim”, redigido dois dias após a morte do médico e professor sergipano. Nele, o jornalista destaca a fundação de uma narrativa nova, cuja intelectualidade contemporânea e posterior poderiam se furta por meio dos caminhos abertos por Bomfim. Segundo Humberto de Campos,

Manuel Bomfim, foi, na verdade, uma das mais vigorosas organizações mentais que o Brasil tem produzido. Possuía uma noção segura e original de todos os nossos problemas, fossem políticos, sociais, ou literários, com os quais formava panoramas novos no mundo do conhecimento. Produzia muito, e vendia por grosso. Cada um dos seus livros é um vasto armazém de idéias, capaz de abastecer uma academia ou uma geração. Daí a forma compacta, a densidade e o volume de cada um deles. Não editava artigos nem folhetos. Na floresta das idéias não colhia flores nem cortava arbustos: derrubava madeiros, atacava cedros e jequitibás, que lançava, inteiros, à correnteza, para que outros no futuro os desbastem, aproveitando-os para construções leves e elegantes. Era um selvagem magnífico, de músculos poderosos, que trabalhava numa selva solitária, usando, ainda, como se observa no seu estilo, rude machado de pedra. (...) Isolado na sua geração, não só pela originalidade do temperamento como pela

²⁰ Para tratar do que é um *fundador de discursividade*, Foucault (2001) recorre para exemplificar sua conceituação e torná-la legível para o leitor, assim autores como: Karl Marx e Sigmund Freud tornam-se exemplos em sua exposição.

orientação da cultura, não desfrutou a popularidade amável dos companheiros. (CAMPOS, 1982, p. 34).

Observamos, assim, que as características descritas por Michel Foucault, conjuntamente aos indicativos de Humberto de Campos, Darcy Ribeiro e de Antonio Candido, nos subsidiaram na afirmação de que Bomfim foi sim algo mais que o autor de seus próprios livros. Pois a forma pela qual Manoel Bomfim leu os processos sociais do passado e produziu suas narrativas abriu inúmeras possibilidades posteriores de tomada interpretativa do Brasil, utilizando simbioticamente o passado colonial e a escravidão como chaves explicativas para a compreensão do Brasil do presente. Diametralmente oposta ao pensamento intelectual de seus antecessores, contemporâneos e até alguns intelectuais posteriores, como por exemplo, Renato Kehl e Oliveira Vianna.

Em síntese, acreditamos ter demonstrado a importância das teses de Manoel Bomfim que formam o grosso do conteúdo de *A América latina: males de origem* (1905) – teses que mais tarde seriam refinadas em sua trilogia: *O Brasil na América* (1929), *O Brasil na História* (1931) e o *Brasil Nação* (1931). Com os devidos cuidados tomados no que concerne às limitações temporais do autor, Bomfim apresentou em 1905, para o Brasil, pressupostos que representavam a fundação de uma barreira narrativa entre o pensamento hegemônico da intelectualidade brasileira e as suas teses originais, muito utilizadas posteriormente por outros intelectuais brasileiros, sobretudo, os da chamada geração de 30. Por isso, compreendemos que a melhor forma de enquadramento institucional para Manoel Bomfim é a sua tomada no campo da História e da Sociologia dos intelectuais do Brasil, como um *fundador de discursividades* (FOUCAULT, 2001; CAMPOS, 1982; CANDIDO, 1990; RIBEIRO, 1993) de uma das vias de interpretação do Brasil, com maior aceitação fora de seu contexto de criação original.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A América Latina, de Bomfim, foi o primeiro estudo de psicologia social, história e sociologia que de forma dissonante se contrapôs às respostas ancoradas nas teorias racialistas em voga no período, alocando o problema em outra ordem. Fazendo-se legíveis os verdadeiros problemas encarados pela América do sul e a fração majoritária de suas populações. Portanto, aceitamos o postulado do filósofo francês, Michel Foucault para enquadrarmos seguramente o médico sergipano, Manoel Bomfim como um *fundador de discursividade*, pois Bomfim não foi somente autor de seus livros ou sua obra. Isto é, foi produtor de algo mais, seus estudos e

reflexões abriram a possibilidade e a regra da formação de outros textos posteriores (FOUCAULT, 2001).

A maneira como os processos históricos foram incorporados por Manoel Bomfim em sua explicação, para tornar legível a continuidade dos desajustes sociais e a dominação das elites oligárquicas no Brasil, como fora outrora, acabou por fim estabelecendo a formação de uma possibilidade enorme de discursos. Neste sentido, afirmava Foucault, sua função de autor excedeu sua própria obra. Isso explica o surgimento de modelos explicativos que mobilizaram a experiência colonial e suas relações sociais aqui estabelecidas, os mais de três séculos de trabalho compulsório e as nossas demais singularidades históricas para compreender o Brasil do presente, mais ou menos similares empregados por importantes intelectuais brasileiros, posteriormente. Daí a relevância do indicativo tanto de Darcy Ribeiro (1993), quanto de Antonio Candido (1990) e a conceituação de Foucault (2001) nos embasando fortemente na argumentação de que: Manoel Bomfim foi o *fundador de discursividade* de uma via que compreendemos ser a mais coerente de interpretação do Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AGUIAR, Ronaldo Conde. **O rebelde esquecido: tempo, vida e obra de Manoel Bomfim.** Rio de Janeiro: ANPOCS/Topbooks, 2000.

ALVES FILHO, Aluizio. **Manoel Bomfim combate ao racismo, educação popular e democracia radical.** 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

ANTUNES, Mitsuko Aparecida Makino. **A psicologia no Brasil: leitura histórica sobre sua constituição.** São Paulo: Unimarco/Educ, 1998.

BASTOS, Élide Rugai. Gilberto Freyre e Florestan Fernandes: um debate sobre a democracia racial. In: MOTTA, Roberto; FERNANDES, Marcionila (org). **Gilberto Freyre: religião, trópicos e outras aproximações.** Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2013. p. 261278.

BASTOS, Maria Helena Camara. **Pro patria laboremus: Joaquim José de Menezes Vieira (1848 – 1897).** Bragança Paulista/SP: Ed. Universidade de São Francisco, 2002.

BOMFIM, Manoel. *A America Latina: males de origem.* Paris: H. Garnier, 1905.

BOMFIM, Manoel. As fórmulas livrescas. *In*: Pereira, Gabriel Victor do Monte; Silva, Manoel Cicero Peregrino da; et al (orgs). **Biblioteca Internacional de Obras Célebres**. v. XXIV. 3. ed. Lisboa: Sociedade Internacional, p. 11831-11841, sd.

BOMFIM, Manoel. **Cultura e educação do povo brasileiro**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1931.

BOTELHO, André. **O aprendizado do Brasil a nação em busca dos seus portadores sociais**. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2002.

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude ; PASSERON, Jean-Claude. **O ofício de sociólogo: metodologia da pesquisa em Sociologia**. 5. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2004.

CAMPOS, Humberto de. **Obras escolhidas. Vol. 8. Sepultando meus mortos**. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1982.

CANDIDO, Antonio. Radicalismos. **Estudos Avançados**, São Paulo, 4(8), 1990. p. 5-18.

CANDIDO, Antonio. Recortes. 3. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2004.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador volume I: uma história dos costumes**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FAORO, Raymundo. **Os donos do poder – formação do patronato político brasileiro**. 4. ed. Porto Alegre/RS: Globo, 1977.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? *In*: FOUCAULT, Michel. **Estética: literatura e pintura, música e cinema**. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala: a formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 21. ed. Rio de Janeiro/Brasília: José Olympio, 1981.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. Manuel Bomfim: autor desconhecido ou fora do tempo?. **Revista Sociologia e Antropologia**. V. 05.03. Rio de Janeiro, dezembro, 2015. p. 771-797.

PAULINO BOMFIM, Luís. Pequena Biografia de Manoel Bomfim. *In*: BOMFIM, Manoel. **América Latina: males de origem**. 4. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1993, p. 355-358.

PRADO JUNIOR, Caio. **Formação do Brasil contemporâneo: colônia**. 12. ed. São Paulo: Brasiliense, 1972.

RIBEIRO, Darcy. Manoel Bomfim, antropólogo. *In*: BOMFIM, Manoel. **América Latina: males de origem**. 4. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1993, p. 9-20.

ROMERO, Sylvio. **A America Latina (Analyse do livro de igual título do Dr. M. Bomfim)**. Porto: Chardron, 1906.

SCHWARCZ, Lilia M. **O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870 – 1930**. São Paulo: Companhia das letras, 1993.

SLENES, Robert W. **Na senzala, uma flor – Esperanças e recordações da família escrava: Brasil Sudeste, século XIX**. 2. ed. Campinas/SP: Unicamp, 2011.

SUSSEKIND, Flora; VENTURA, Roberto. **História e dependência cultura e sociedade em Manoel Bomfim**. São Paulo: Moderna, 1984.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Brasília: UnB, 1999.